

A Iluminação da Arquitetura e seu Impacto Sobre a Cidade

City Beautification x L'Urbanisme Lumière

Por José Canosa Miguez

A luz artificial é um fenômeno fascinante. Ao contrário da luz geral vinda do sol, cujas características são determinadas pela natureza, a luz elétrica é específica, particular. Podemos modificar a fonte luminosa, sua posição, intensidade, cor, obter efeitos múltiplos, criando e recriando diferentes climas em um mesmo espaço. Com ela é possível revestir sem estuque, pintar sem tinta. Provocar um efeito pode ser tão rápido quanto atenuá-lo, ou até retirá-lo. A luz é um agente muito poderoso e é importante ter controle sobre ela.

A luz nas cidades desempenha um papel estrutural para o olhar do cidadão: orienta, destaca, esconde, transforma, integra ou isola. Seu complemento, a sombra, trabalha em sintonia, para melhor sublinhar ou ocultar, para melhor descobrir ou dissimular. Pelas luzes e pelas sombras as paisagens da natureza e as obras criadas pelo gênio humano podem ter suas visões noturnas alteradas, modificadas em seus aspectos originais. Nestes espaços iluminados poderão ser criadas novas ambiências e diferentes condições de convívio.



Foto: César Duarte

O interesse em iluminar as fachadas as quais se atribui importância, seja afetiva ou cultural, reflete também a auto-estima dos cidadãos por sua cidade, por suas construções, por seus monumentos e por suas paisagens - seus pontos de referência. A luz destaca. E só se destaca o que se aprecia, ou o que se quer fazer apreciar.

A atividade criativa do *lighting designer*, ao projetar a iluminação dos volumes urbanos mais significativos, estará permanentemente balizada pela consciência de que, em várias oportunidades ele estará trabalhando sobre a obra de terceiros, seja ele a própria natureza ou um outro artista.

Portanto, iluminar os espaços, construções e obras de arte das cidades exige um sentimento de profundo respeito pelo trabalho daqueles que as conceberam e construíram. Impõe responsabilidade em preservar a identidade dos monumentos e edifícios. A iluminação não é mais importante que a obra iluminada. Deve, sim, expressar a releitura noturna desta obra através da sensibilidade criativa e da consideração profissional de quem ilumina.

As potencialidades da luz

Por muito tempo relegada a um papel estritamente utilitário, a iluminação nas cidades ainda tem como objetivo maior garantir uma boa visibilidade. Esta responsabilidade apenas funcional, de permitir a visão noturna, encobriu por muito tempo todas as outras potencialidades da luz:

- a fantástica capacidade de criação de cenografias urbanas,
- a sutil possibilidade de definição de ambiências psicológicas e simbólicas e
- a importante participação na sinalética.

Vamos analisar estas importantes funções da iluminação urbana para permitir uma noção integrada do tema. Enfatizando o desenho de luz da arquitetura, objeto desta edição, vamos então comentar os principais programas de iluminação de monumentos e fachadas que acontecem nas grandes cidades.

Garantir segurança à visão noturna: uniformidade e contraste

A possibilidade de distinguir as coisas é necessária à apropriação visual dos espaços da cidade e



Foto: César Duarte

à convivência entre os cidadãos. A luz proporciona uma sensação de segurança, ordenando a visão noturna nas vias e edificações da cidade.

Na iluminação viária, quando os espaços iluminados estão justapostos, é importante conservar uniformidade nos níveis de iluminamento para evitar a formação de “buracos negros” com contrastes muito grandes para os motoristas.

Já na iluminação de monumentos e fachadas os grandes contrastes devem ser considerados. A variação adequada entre as superfícies iluminadas e aquelas sombreadas é que, na maioria das vezes, vai oferecer uma boa leitura noturna da edificação e conferir qualidade ao projeto de luz. Uma edificação percebida como adequadamente iluminada pode se tornar sombria quando vista inserida em um ambiente mais intensamente iluminado. Paralelamente, uma fachada fracamente iluminada poderá parecer destacada quando inserida em um entorno obscuro.

A pesquisa de um nível de iluminamento pontual ou médio e as noções de luminância das superfícies iluminadas em relação aos tipos de revestimento constituem valores luminotécnicos importantes, embora sejam insuficientes, para qualificar o projeto de iluminação de monumentos e fachadas.

Iluminar os espaços, construções e obras de arte das cidades exige um sentimento de profundo respeito pelo trabalho daqueles que as conceberam e construíram.

Na iluminação de monumentos e fachadas os grandes contrastes devem ser considerados. A variação adequada entre superfícies iluminadas e sombreadas oferece uma boa leitura noturna da edificação.

Paço Imperial – RJ

O potencial cenográfico da luz

É a mais importante potencialidade, no que diz respeito à iluminação de monumentos e fachadas: o uso competente de todas as múltiplas possibilidades de manipulação das fontes de luz. O conhecimento técnico, a sensibilidade e a criatividade do *lighting designer* são fundamentais para selecionar o partido adequado entre tantas possibilidades que a iluminação artificial oferece. (Ver artigo O Potencial Cenográfico da Iluminação de Monumentos e Fachadas).

A definição de uma ambiência psicológica e simbólica

Os componentes sensoriais, psicológicos e simbólicos da luz são os elementos subjetivos para o projeto do *lighting designer*, pois em todos os casos determinarão a atmosfera, o clima do local. A luz gera impressões psicológicas, imprime de maneira duradoura e diferenciada a nossa percepção do espaço ou a imagem de um local. Ela provoca sensações e nos associa a símbolos que permitem qualificar a ambiência do espaço que percorremos. Por exemplo, a simples escolha de lâmpadas com uma determinada tonalidade e cor pode facilmente gerar associação às noções de calor e de frio pela maioria das pessoas.

A luz tem sido sempre relacionada com a obscuridade ou com as sombras sempre que se quer simbolizar uma evolução ou uma dualidade. Ela tem sido muitas vezes identificada com o divino. A luz

organiza o caos e, para nossos antepassados, se opunha às “forças maléficas” escondidas nas sombras da noite, nas vielas das cidades antigas.

A falta de luz é também considerada como um fator de insegurança. O medo do cidadão se confunde então com o medo da noite e o clarão da luz simboliza o refúgio.

A luz pode também ser metafórica: ela restitui a idéia de fausto, de cerimônia, de festa. Pode ser lúdica, alegre, surpreendente, como nos múltiplos símbolos e cartazes dos quarteirões da Broadway ou nos cassinos e hotéis de Las Vegas. Ela participa da instituição ou da redescoberta de ritos: guirlandas de Natal, procissões de velas, cortejos de lamparinas, etc.

Estas características simbólicas da luz começam a ser exploradas na iluminação da arquitetura e dos espaços urbanos. Sendo portadora de símbolos fortes, a luz pode agregar um suplemento de sentimento à visão noturna da obra arquitetônica ou do monumento.

A participação no grafismo dos sinais urbanos

A luz é também um dos elementos da sinalética – ciência dos sinais e da comunicação. Ela sublinha um eixo, indica uma direção, afirma uma intenção. Com a iluminação pode-se marcar uma perspectiva, redesenhar uma trajetória e guiar o cidadão na cidade.

A cidade noturna é invadida por um feixe de sinais e de informações que muitas vezes perturbam a leitura dos espaços. Mas estes signos luminosos, abstratos ou significativos, podem explicitar um espaço, como marcos luminosos ao longo do contorno de uma praça, exprimir trajetórias gráficas, perspectivas importantes, percursos reais, imaginários ou poéticos, e permitir visualizar algumas das tramas que tecem a malha urbana, como as vias subterrâneas, os canais, as linhas de ônibus ou de trem, etc.



Foto: Divulgação

A luz pode também ser metafórica:
ela restitui a idéia de fausto,
de cerimônia, de festa.

Fachada da Harrods
Londres – UK



Fonte: Reprodução do Livro *L'Urbanisme Lumière* de Roger Narboni

O Plano Diretor de Ambiências Luminosas do Rio Sena em Paris, concebido por Roger Narboni, considerou a iluminação das duas margens do rio, em plano e em elevação.

A luz da mídia também se constitui hoje em importantíssimo componente da iluminação urbana. Incorpora com rapidez as mais recentes tecnologias e necessita ser convenientemente monitorada, pois provoca grande impacto na ambientação da cidade.

L'Urbanisme Lumière x City Beautification

Buscando requalificar os espaços das cidades, diversas intervenções têm sido postas em prática pelos governantes, em especial a iluminação de monumentos significativos, centros históricos importantes, edifícios de valor arquitetônico e histórico, paisagens de interesse turístico, etc. Paralelamente, entidades particulares e religiosas também se sentem motivadas a iluminar seus edifícios, que poderiam se incluir na categoria de patrimônio afetivo dos cidadãos.

Ocorre que estas intervenções, sempre fortes na paisagem noturna das cidades, se dão sem muitas considerações com relação ao impacto que provocam sobre o cenário urbano. A ausência de instrumentos reguladores destas intervenções, como Planos Diretores de Iluminação Pública e Privada, concorre ainda mais para a leitura desorganizada da cidade noturna que a arquitetura iluminada sem critérios pode produzir.

Alguns destes movimentos ganham difusão, estimulando as Prefeituras a investir na iluminação de suas cidades. Os programas de iluminação de monumentos e de centros históricos, com inúmeros

exemplos nos EUA e bastante repercussão no Brasil, já têm algumas propostas. Eventualmente sob a rubrica de projetos de *City Beautification*, são desenvolvidos projetos pontuais, limitados a iluminar aqui e ali um ou outro edifício ou monumento, porém em geral desvinculados de referências conceituais ou urbanísticas, descompromissados em estabelecer relações definidas e consistentes com o entorno. Esta expressão, já bastante difundida, também abriga outras intervenções voltadas para melhoria da qualidade de vida urbana, e que não são necessariamente ligadas à iluminação. Estes programas ainda necessitam de uma conceituação clara e responsável, especialmente sobre o impacto urbanístico que provocam.

Já a proposta francesa - *L'Urbanisme Lumière* - encerra em si uma abordagem integradora, conceituando que a iluminação da cidade não é uma intervenção que vai simplesmente sobrepor um espaço da cidade. É sim uma arte que se define no mesmo momento da conceituação do projeto urbanístico, formulando também as ambiências que a cidade deverá proporcionar durante a noite. E com a mesma atenção e detalhe com que é definido o espaço para o uso diurno. É intervenção de amplitude urbanística, no momento em que organiza e recria o espaço e a ambiência noturna da cidade.

Sob esta ótica integradora, todos os sistemas de iluminação da cidade, públicos e privados, até hoje considerados pelos urbanistas apenas pela sua simples presença como mobiliário urbano, são definidos em níveis mais precisos, devendo vincular-se e reportar-se aos partidos adotados pelo planejamento do espaço urbano, sendo utilizados pelos urbanistas como os principais instrumentos geradores das impressões noturnas das cidades.

Assim definido, *L'Urbanisme Lumière* resgata o papel da iluminação urbana, que evolui em sua compreensão e importância, já que a luz fabrica imagens, comunica e principalmente, recria a cidade. Vai além do simplesmente funcional, propiciando a segurança necessária para ir e vir, pois leva em conta a singularidade da cidade, sua história, sua morfologia, sua personalidade, com vistas a criar uma silhueta noturna original e inovadora, buscando a interação entre os espaços iluminados e o entorno próximo ou distante, pensando de uma forma macro a iluminação e as ambiências da noite das cidades. ■